A memória da diferença: para que Filosofia?

Magda Guadalupe dos Santos*

RESUMO

Este artigo analisa a função e relevância do pensamento filosófico, em sua abertura para o real, através de uma analogia com os textos de memória de Simone de Beauvoir. Filosofia e memória prescrevem um método de abordagem paradoxal e crítico de si mesmo, exigindo trilhar veios de leitura próprios para a compreensão do sentido da cultura. Pretendo demonstrar o significado basilar do pensar filosófico na obra de Beauvoir enquanto decifração da alma humana e das relações intersubjetivas.

Palavras-chave: Beauvoir; existencialismo; memória; morte; velhice.

ABSTRACT

This paper analyses the function and the importance of philosophical thought, in what concerns its openness to the real, through an analogy with Simone de Beauvoir's memory texts. Philosophy and memory determine an approach method, paradoxical and critical of itself, which demands proper reading sources for the comprehension of the cultural meaning. It is aimed at the demonstration of the basic purpose of philosophical thought of the cultural meaning. It is aimed at the demonstration of the basic purpose of philosophical thought in the work of Beauvoir as the decipherment of the human soul and of the intersubjective relations.

Keywords: Beauvoir; existentialism; memory; death; old age.

Introdução

Pensar a filosofia sempre foi tarefa complexa. À medida que os laços da cultura vão-se fortalecendo, filosofia e ciência constroem os parâmetros do saber. O mais comum, contudo, é que, apesar de tais laços, o que se registra na história é uma forma de “pensar” massificada ou um “não pensar” que se traduz em repetição e simulação do que é tido como atraente. Mesmo quando se investe no ato de pensar, o usual é que se pense a realidade que nos cerca com o auxílio da filosofia e não a própria

*Mestre em Filosofia pela FAFICH-UFMG. Doutora em Direito pela UFMG. Professora de filosofia da PUCMINAS. E-mail: magda.guadalupe@yahoo.com.br

filosofia como forma mediata de se compreender o real. O questionamento do valor da filosofia é, seguramente, tarefa delicada, pois envolve um traçado racional sobre o saber do saber. O nível de complexidade aumenta quando se indaga sobre a validade de um pensar racional, estruturado, coeso, crítico, servindo-se de um método específico de decifração do mundo.

O método, enquanto caminho normativo ou chave de uma linguagem cifrada que tem êxito ao estabelecer procedimentos e uma ordem de observação e raciocínios, visa, visa justamente obter maior amplitude e certeza do saber. Vasculham-se, com amparo lógico e análise descritiva, as relações entre a concepção de realidade e o acesso possível a ela – e, nessa ordem determinada de abertura, os princípios, aspectos e representações vão-se tornando possíveis, constituindo o núcleo essencial de certas concepções do mundo. Nessa caminhada desnuda-se, passo a passo, a grandeza e a relevância da filosofia e a coerência dos pressupostos interpretativos que ela exige de cada amigo do saber.

O presente trabalho tem o propósito de estabelecer um percurso (um *métodos*) através do qual se direcionará o olhar do leitor, para elucidar a complexa questão: para que filosofia? Reivindico como condição metodológica duas faces do olhar, a saber, **o olhar da memória e o da diferença**, tomando o pensamento de Simone de Beauvoir para proceder a esse questionamento tão antigo quanto a própria cultura.

Vale mencionar que a preocupação com o fundamento da filosofia sempre esteve presente. Já Platão, na *República* (489a-b), ao tratar da “relação existente entre a cidade e os verdadeiros filósofos”, afirma: “Para começar, conta essa história a quem se admira de que os filósofos não gozem de grande consideração nas cidades e procura demonstrar-lhe que seria muito mais de admirar se desfrutassem de algum prestígio”. Lembra ele ainda que os “filósofos de valor” sempre foram “inúteis para as multidões” (*República* 489b-c), constatação que impele o leitor a questionar a causa que levaria os próprios filósofos a reconhecerem certa distância entre a filosofia e o mundo da utilidade prática. Isso nos leva a indagar: o que seria mesmo a filosofia? algo dificultoso? algo perigoso? uma forma inteligível de realçar o valor da virtude, da temperança e da justiça no mundo, como pensava o filósofo ateniense?

Seja o que for, como a filosofia sempre esteve presente no desvelamento do mundo, lembra Chauí (1989, p.34), nossa cultura a assimila ao “vínculo secreto entre o olhar e o conhecimento”, justamente por dar sentido à luz que dá visibilidade às palavras e às coisas, aos sujeitos do discurso e a todas as suas ações e intenções. A

indagação sobre a razão de ser da filosofia torna-se, assim, uma proposta de discussão, em forma de um “balanço” do pensamento ocidental, o qual, para se revelar coerente, exige um método de investigação. É o que faz Beauvoir, em *Tout compte fait* (título que se traduziu não como “contas feitas”, mas como “balanço final”), em que ela opta por seguir, como recurso de investigação, um itinerário descritivo e crítico dos impactos da cultura, nos quais o cenário filosófico se entrelaça às expectativas político-antropológicas e torna plausível o conhecimento do mundo - um relato mnemônico do existir político-social em sua perspectiva intersubjetiva. Sua narrativa envolve uma consciência que se permite pensar-se a si mesma sem se aprisionar numa dimensão egocêntrica ou confinar-se nos seus próprios limites e se depara com as contingências da alteridade e com os aspectos dialógicos tão caros ao discurso filosófico.

Esse século XX, tão próximo para alguns mas também distante para outros - por uma simples questão de vivência - é, na verdade, aquele que fixou normas críticas do saber e do agir e que merece ser retomado, pelo menos em forma de “balanço”, como contraste para as edificações do nosso presente - deste novo século que necessita amadurecer, criar raízes próprias, sem, contudo, desconsiderar o passado que o iluminou. Espelharmo-nos nele leva a percebermos mutações das experiências do olhar e das explicações sobre elas. Tal espelhamento se faz enquanto uma acirrada crítica ao excesso de racionalidade, criando uma linguagem que expresse juízos e constatações e nos direcione para o horizonte de um pensar livremente a filosofia.

1. O olhar da memória

O século XX configura, para nós, que sobrevivemos ao impacto e à vivência do tempo, um século de miragens próximas. Muito se construiu e se destruiu, sem contudo edificar-se algo como permanente, pois redefiniu-se tudo como dessacralizado e, portanto, em contínua modificação, aperfeiçoamento, reconstrução. Modificaram-se as legislações e, conseqüentemente, o perfil antropológico contemporâneo; aperfeiçoaram-se as ciências e as técnicas; reconstruíram-se os costumes e a moral. O ato de pensar a trajetória axiológica desse século nos leva a refletir sobre o valor da própria memória, em sentido amplo, enquanto palco de redefinição do passado no momento da escrita, acalentada por um teor de liberdade que permite interrogações sobre o que se viveu.

Ao se referir ao século XX em suas memórias, Beauvoir busca uma fórmula capaz de tratar do singular sujeito de suas narrativas: seu *eu* que sempre se revela como um *outro*, um *outro* que viveu um tempo histórico, um *outro* que perpassou os deslizes da memória, um *outro* constituído como personagem de suas estórias. Surge então o impasse: estaria ela a relatar-se na falsidade aparente do discurso? Absolutamente não. O que ela nos mostra são os diferentes aspectos do ser humano em sua dimensão intersubjetiva, as dificuldades de se pensar o sujeito histórico e as incongruências da memória face à fragilidade do vivido.

Já no prólogo de *Balanço final* ela declara:

Nos volumes precedentes, adotei uma certa ordem cronológica. Conheço seus inconvenientes. O leitor tem a impressão de que só lhe é fornecido o acessório: preâmbulos. Parece que o essencial estaria sempre mais adiante, mais longe. A cada página, espera-se em vão atingi-lo – e o livro termina sem ter chegado a um fim. Aprisionando-a em fases, meu relato faz de minha história uma realidade acabada que ela não é. Mas também a torna dispersa, dissociando-a numa sucessão de instantes isolados, quando na verdade, em cada um deles, passado, presente e futuro estavam indissoluvelmente ligados. (BEAUVOIR, 1982, p.7).

Do mesmo modo, eu diria que um percurso semelhante parece caracterizar nossas investidas cognitivas, pois o essencial do pensar filosófico sempre se revela distante da referência objetiva e derradeira, na qual desejamos nos encontrar como amantes do saber, ficando aprisionados a frases complicadas e presos a um vazio de conhecimento volátil. Também o exercício da memória é uma tentativa de recuperar a totalidade do ser humano sem desprezar a dispersão de cada momento fugidio. A memória de um tempo não se fortalece apenas com princípios abstratos. Por isso ela é tão relevante para o entendimento amplo da filosofia. Quando tomamos antigas formulações e restabelecemos sua validade e atualidade, redefine-se a identidade humana em busca de modelos de vivência. Para além das dificuldades aparentes, a filosofia, ao longo de sua trajetória, sempre demonstrou uma plasticidade que não fixa saberes mas remete para os sentidos inesgotáveis de conformação do pensamento e da ação, consistindo a memória o que possibilita amplitude a tais conformações.

Contudo, deve ser ressaltado, filosofia e memória, apesar das semelhanças, não se confundem. Ao falar de memória e de texto de memória, refiro-me, de modo bastante amplo, à forma de narrativa que aborda a busca do sujeito por si mesmo e a descreve para outrem, a qual não se reduz ao gênero “memória”, de tom confessional. Como já mencionei em outro trabalho (SANTOS, 1995, p.64-165), o texto memorialístico tem

um estatuto bem menos delimitado e sujeito a normas que outros gêneros de discurso, como os da ficção, da historiografia e da própria filosofia. Nele, personagens distintas, vozes dissonantes e lembranças encobridoras percorrem patamares pouco definidos. Na sua trajetória de investigação, constrói uma identidade para aquele que se descreve, a qual depende, entretanto, da interação com um leitor que detém a prerrogativa de receber o discurso como história factual ou pura fantasia.

Mas, o desejo de se descrever não resulta em condição suficiente para o narrador alcançar qualquer verdade. Ele esboça um quadro composto de dados, lembranças e reflexos especulares em que, indagando e indagado sobre o teor de suas verdades, encena e simula, conquanto também faça descrições objetivas de seu tempo. Enquanto sujeito de memória, o *eu* que se descreve tenta buscar sua identidade, sobretudo através de encenações. O sujeito do discurso de memória conhece que não é pleno, justamente porque suas convicções se exibem numa caminhada de busca da verdade nos fragmentos da vida que o discurso tenta resgatar e recompor. Conforme Branco (1994, p.50), ao se dar um nome próprio ao *eu*, para fazê-lo existir, além de uma variação subjetiva tenta-se fazê-lo coincidir consigo mesmo, possibilitando ao sujeito desenhar-se e descrever-se, adquirir existência própria, ainda que meramente textual. Essa é a grandeza do texto de memória: exibir o trajeto paradoxal da existência humana.

Nele, evidencia-se um movimento que pode ser chamado, conforme ainda Branco (1994, p.24), de “gestos de memória”, tentativas de desvelamento do sujeito a partir das possibilidades de leituras de si. Contrastando com o valor da verdade exigido pela dicção filosófica, na qual se investe com o intento de apreciar um discurso verdadeiro, em contraste com uma narração fictícia ou de encenação, conforme Lima (2004, p.140), ele nos mostra as várias faces da interpretação de um pensamento. Mas tal pluralidade só se torna reconhecível pelo referencial filosófico que ampara as indagações e permite ler os “gestos de memória” em seu sentido metódico de deslizar sobre o real e dar relevo a princípios e raciocínios. Nesse sentido, observa a filósofa:

Durante esses dez anos parecia-me que construía minha vida com minhas próprias mãos; isso não era inteiramente falso; no entanto, como no período precedente, eu era condicionada pela sociedade. Consumia as mercadorias que ela me oferecia; ela me fixava um determinado salário. (...) Frequentemente, além disso, quando julgava estar inventando uma forma de conduta, na verdade estava apenas conformando-me a um modelo. (BEAUVOIR, 1982, p.31).

Pensar a realidade é pensar os paradoxos do existir. A memória é o fio interpretativo que conduz à construção de uma identidade, a qual se mostra composta de interferências culturais múltiplas, já que a definição daquilo que se é ou se projeta ser leva em consideração os impactos e a forma como a eles se reage. Nos escritos de Beauvoir percebe-se que o fio da memória é aquele que permite ao sujeito reconstituir-se à luz de lembranças e indagações, criando, na fragmentação do vivido, uma imagem qualquer de si mesmo que lhe possa garantir alguma certeza de que viveu.

Essa tarefa chama a atenção para o propósito do ato de filosofar, na medida em que legitima o semblante do ser humano, que se alimenta apenas da fragmentação de saberes, da imposição de posturas e da elucidação de sentidos. O filósofo, assim como o memorialista, não dispõe da presumida certeza do cientista, lidando com valores acessíveis a seu imaginário e com metas a serem perseguidas. Mas o filósofo que trafega pelos fios da memória, visando a um “balanço” de seu tempo, sabe que não se pode perder na ficção. Um teor de “mais verdade” é exigido a cada interpretação do real, pois, “ainda que sustente o contrário, nenhum homem quer ser diferente do que é, já que, para todo ente, ser é fazer-se ser. É possível que, retrospectivamente, critique alguns de seus comportamentos: isso não o leva a transformá-los”, assevera Beauvoir (1982, p.45).

Com suas características próprias, tanto a memória quanto a filosofia investem nesse teor de verdade, seja o da existência, seja o do conhecimento. Em ambas, nada passa despercebido. O propósito de tudo investigar não leva o sujeito que busca a entender-se pleno, mas um ser de mistério, cujo semblante se define num impulso de reconstrução continuada.

O texto de Beauvoir constitui um percurso metódico para se captar o valor inquestionável dos “gestos de memória” que, num processo dialógico, ampliam a ambivalência da moral que os sustenta, erigindo uma “moral da ambigüidade”, uma tábua de valores que não se quer prescritiva, mas de negação de arbitrariedades e afirmação dos contrastes nos percursos da vida. Assim, proporciona ela uma compreensão de realidades justapostas, contraditórias, mas instigantes a todos que desejem decifrar o existir humano.

2. O traçado da diferença

Quando se investiga o significado e o valor do pensamento filosófico, acaba-se, de alguma forma, por estabelecer os pressupostos da condição humana nas interfaces do existir. Tenta-se estabelecer o sentido das coisas, traçar a síntese do mundo, desfazer-se a ilusão e certificar-se de que, por detrás das aparências impostas, uma condição essencial merece ser registrada. Todavia, se a significação da filosofia está justamente nas formas inteligíveis de se buscar o sentido do mundo e da própria existência, este não pode ser estabelecido como algo único, assumido como universalmente válido, quando apenas homogeneizado, cuja essência se imponha inquestionável. O pluralismo conceitual que invade a seara filosófica no século XX legitima possibilidades interpretativas da realidade. Nesse percurso pouco linear, a questão da diferença marca o traçado de memória e de filosofia que os textos de Beauvoir registram.

Ao voltar-se para a diferença, Beauvoir amplia a memória de seu tempo e convida o leitor, assegurando-se nos conceitos da filosofia, a repensar a complexidade do mundo. Pensar a diferença, afirma Laruelle (1988, p.23), vem a ser o substituto contemporâneo de se pensar a *a-létheia*, ou seja, configura uma “teoria e uma prática dos mistos”, os quais deram lugar às aporias fundamentais do pensamento ocidental. A diferença eleva a “aporia à verdade da essência”. Ela não afirma os termos, com o seu conteúdo cultural e histórico determinado, mas dá relevo à contradição humana e, nesse sentido, acaba por “desiludir-se da metafísica ligada à posição e às reivindicações de cada um dos opostos, mas está embebida de metafísica na sua essência”.

Quando Beauvoir retrata nos textos de memória a diferença, duas condições se nos apresentam: o *outro* enquanto ser de constituição do *eu*-sujeito da história; e a dimensão da *alteridade*, cujo modelo maior se encontra no feminino da cultura. Nessas duas figuras da filosofia, seu pensamento ganha fôlego. Por meio delas, Beauvoir esboça a crítica à metafísica tradicional e à síntese racional e sistêmica, na qual sobressai uma verdade una e imperativa. Longe de acreditar no valor de preceitos sistêmicos e absolutos, ela recupera a relevância do pensamento filosófico pelo viés paradoxal da existência, exibindo as lacunas e a fragilidade essencial do ser humano e registrando, justamente nessa singularidade aporética, a sua ipseidade, a sua especificidade, mantendo-se nos horizontes da diferença. Seu pensamento exhibe o valor da filosofia na medida em que demonstra a amplitude e a grandeza de um pensamento

aberto, sempre a se completar na busca do sentido da própria existência. Trata-se, sem dúvida, de um pensamento que salienta a contradição como verdadeiro fundamento do discurso humano. Com efeito, “o indivíduo vivo, muda; para ele os momentos são efêmeros; seus estados de espírito variam. É um erro pretender defini-lo em sua contingência imediata, a partir do que ele decide dizer de acordo com a necessidade”, afirma Beauvoir (1982, p.131).

Precisamente a análise da finitude humana leva em consideração a ambivalência de valores e, nesse horizonte, a figura do *outro* se torna relevante para fazer frente à imagem de um *eu* fechado em sua suposta plenitude lógica. Nos “gestos de memória”, a perspectiva de alteridade se constrói em vários registros, seja quando ela descreve as guerras, seja quando trata da grandeza da literatura e da filosofia, ou ao falar de Sartre, seu *alter ego*. Seu *eu* se constitui no desenho de outros saberes, outros pensamentos e outros desejos de conformação da realidade. Ela não se enclausura na descrição das lembranças que poderiam levá-la a supor uma verdade plena de si. O *outro* é o que lhe indica o caminho do reconhecimento de uma imagem de si mesma e para si mesma na escrita viva da memória.

3. A relação especular, o feminino e a crítica da tradição

Duas variantes se esboçam, pois, na análise da diferença. Num primeiro momento, apresenta-se o *outro* enquanto mediador indispensável do *eu*, modulação especular de constituição do próprio sujeito. Nesse sentido, ele se dá através de uma apreensão direta, que “não perturba o caráter de facticidade do encontro intersubjetivo”, conforme Bornheim (2000, p.84). O *outro* é também a imposição de uma liberdade infinita, uma consciência que subjuga todas as possibilidades do *eu* e, diante dele, o *eu* se deve refazer continuamente. Nesse interlúdio, o *outro* é o que torna possível a mediação da escrita de memória e a confirmação do *eu* descrito.

Num segundo momento, o conceito de alteridade ganha fôlego ao aplicar-se ao feminino enquanto a *dobra* da história, termo tão caro ao pensamento de Deleuze (1991, p.23) para nortear as controvérsias do perfil cognitivo da história. A diferença na condição de ser-mulher conforma os vários modelos de feminino da cultura, os quais

não se identificam com nenhuma imagem sólida do que se imagina idealmente ser a mulher.

Ora, o perfil do feminino da cultura é descrito por Beauvoir por meio de lacunas e de fragmentos de vozes justapostas, surgidas na borda do texto, que indicam os vários caminhos de análise da realidade. Quando se pensa na estrutura do ser humano, formam-se juízos lógicos, concatenados, embora as análises possam se dar de formas diversas. Mas ao se pensar no feminino da cultura, depara-se com um antagonismo das imagens que se justapõem em busca d'A *Mulher*, como menciona Serge (1987, p.244ss.), aquela que bem se pode definir enquanto a metáfora do *outro*, do inconciliável, do indescritível, pois sempre permanece além do que se quer moldar como dever-ser. A análise de Beauvoir sobre o feminino reforça o inacabamento do sujeito que se vê condenado à infinitude de regras impostas, rateando em uma modulação indefinida o ser do *outro* como seu próprio ser, como algo que foge do significante que parece não ser jamais senão mero efeito de significado e, portanto, módulo paradoxal do existir.

O lugar outorgado ao feminino na cultura e as definições impostas ao gênero são questões que Beauvoir explora em seus escritos de memória, assim como nos de ficção, demonstrando a complexidade da escrita. A filosofia se empenha em conciliar narração e verdade, e a memória é uma escrita que supõe a auto-representação do indivíduo, assim como a representação da experiência vivida para outrem através do próprio processo descritivo. Beauvoir, no seu papel de filósofa do Existencialismo - que entende a literatura como molde adequado de sustentar conceitos não estanques - distingue tanto as lacunas das experiências vividas, quanto a precisão de verdade conceitual, na procura tanto do que é conhecimento, quanto do que é a *práxis* do vivido. Em seus textos, filosofia e memória se amparam mutuamente.

A relação entre seus escritos, em especial no *Balanço final*, e os princípios puros da filosofia torna-se evidente se pensarmos que o valor e o significado desta não se dão de forma estanque ou padronizada, mas no intento continuado de que a humanidade possa se pensar, a cada momento, como uma construção inacabada. E sempre em busca de saberes, sem se encurralar em falsidades aparentes e respeitando os antagonismos do existir. Todavia se as falsidades existem, estas devem ser identificadas e o registro de memória pode vir a ser um método adequado para indicar modos de compreensão na fragilidade de captura do real.

Beauvoir repensa a vida a seu redor a partir não da certeza histórica, mas da escrita da memória. Ela enfrenta a contradição dos conceitos teóricos e dos regimes políticos que afrontam a liberdade humana e as relações intersubjetivas, impondo posturas de submissão de um povo a outro, de uma classe a outra, de um gênero a outro. Atesta ela, assim, a prioridade da contradição e do pluralismo sobre a identidade e a unicidade impostas, propondo-se a si mesma uma evidente infidelidade à metafísica tradicional, conquanto seu pressuposto seja ainda metafísico, exatamente o que concede prioridade à relação entre o *eu* e o *outro*, mas sem a primazia do uno, como reza a tradição ocidental.

Ora, ao escapar das formas tradicionais de pensar a filosofia, Beauvoir busca novas vias de apreensão do pensamento que possam acolher as diferenças e contradições, na heterogeneidade de suas singularidades. Assim, a análise que ela faz das relações intersubjetivas não se dá como uma negação do *eu* ou do *outro* precipitados no universal, mas como um encontro em que o *eu* não anula o *outro* em sua dimensão de exterioridade e alteridade, conforme afirma também Levinas (1988, p.285). Sua preocupação pela legitimidade do *outro*, do diferente enquanto diferente, faz-se sentir durante toda sua vida de participação e engajamento político em questões que reivindicam a liberdade do indivíduo, o que dá a seu pensamento um estatuto metafísico e político peculiar.

Esse tom de abertura que o pensamento beauvoiriano propõe, apresenta-se como um verdadeiro estatuto de alteridade. De fato, os textos de memória apresentam-se como uma poética que ousou adequar a filosofia da existência à árdua tarefa de propor continuamente formas inovadoras, frente a todos os processos estanques que sintetizam o existir humano numa dicção absoluta e fundamental, indagando sobre o ser e o existir, sobre o outro do ser e sobre a necessidade de toda a indagação que a filosofia e os textos de memória podem expressar. A relevância da filosofia está justamente nisso, na possibilidade de se aprofundar na vivência do mundo sem se fechar em uma dicção única, estabelecida além das diferenças intersubjetivas.

A considerável constatação a que chega Beauvoir é a de que não há, na esfera do existir, a possibilidade de um fundamento coeso, já que tudo é exterior à essência do ser e o que se revela como ser é sempre *outro*, o inteiramente diferente. Visando, assim, a cisão, a separação e a negação como tentativa de resolver os problemas da metafísica, colocando esta do avesso, ela acaba por dar seqüência às questões metafísicas, ainda que negativamente determinadas. Sua inserção no Existencialismo a leva, então, a

separar-se da metafísica tradicional e a traçar novas vias de pensar metafisicamente, afirmando-se no conjunto de sua obra, em especial em *Para uma moral da Ambigüidade* (BEAUVOIR, 1956, p.12), “o caráter irreduzível da ambigüidade” exigida pelo pensar filosófico.

Nas trilhas da ambigüidade, as zonas intermediárias é que parecem prevalecer. Assim, a chave para a compreensão dos problemas da humanidade não equivaleria a uma compreensão do mundo centrada na certeza de totalidade ou no saber de uma dicção absoluta. É preciso inverter os alicerces de compreensão e definição do mundo, é preciso abrir-se para a alteridade com o intento de capturar a sua diferença. Com efeito, em nossa cultura a filosofia sempre se mostrou como o modelo ideal neutro e essencial do pensar humano. Mas, ao longo da tradição, alguns princípios e conceitos foram ganhando força e expressão, em detrimento de outros tantos. A diferença de gêneros, por exemplo, não se tornou palco de indagações filosóficas e, no momento em que Beauvoir refaz a trajetória da cultura ocidental, no balanço de seu tempo, ela aponta os deslizos do próprio pensamento e amplia assim o horizonte conceitual da própria filosofia. “Uma moral da ambigüidade será uma moral que recusará negar *a priori* que os existentes separados podem ao mesmo tempo estar ligados entre si, que suas liberdades singulares podem forjar leis válidas para todos”, afirma Beauvoir (1956, p.19).

4. A escrita da diferença

Finalmente, para concluir este percurso de busca do sentido e do valor da filosofia e dos textos de memória nos registros das antinomias humanas, vale mencionar, apoiando-me em Bornheim, que a busca pelo sentido das coisas não é de fácil apreensão. O sentido, pensa o filósofo, “é o que religa o homem, e tudo se dá nesse já estar ligado”. Há aqui algo de paradoxal: o ser humano não é simplesmente aquele que constrói o mundo. Se assim o fosse, “a construção seria apenas a eterna repetição do mesmo que não se sabe” (BORNHEIM, 2001, p.11). Ao inventar a construção, o ser humano inventa também o sentido e, de certa maneira, isso se dá porque “o sentido não se explica apenas pelo homem, mas o homem é que está no sentido” (BORNHEIM, 2001, p.12). Desta feita, somente podemos falar de ser, essência e significado pelo fato

de haver a humanidade – e sem ser e sentido não seria possível sequer pensar essa mesma humanidade. Em outros termos, definir o sentido do mundo é delinear o destino humano, dotando-o de um sentido histórico renovado através dos tempos. Nesse processo de renovação, tem relevo a *práxis* humana e aquilo que se cria na existência.

Os textos de memória apresentam com dignidade esse sentido e valor da filosofia, a qual, por sua vez, revela o destino humano na sua ânsia de criar-se continuamente a si mesmo e de delinear uma imagem que lhe seja apropriada. Esse destino revela um traçado metafísico que se mostra paradoxal nos vários projetos indagativos. Enquanto critica as bases da cultura ocidental, indicando os impasses da metafísica, Beauvoir constrói um estilo próprio, capaz de expressar o *outro* de nossa cultura, o feminino enigmático, incompleto, irreduzível às identidades impostas. Ao fazê-lo, acaba por buscar-se em um entrelugar, no percurso da escrita do *eu*, e, precisamente aí, toca a dobra da história. O que os textos de memória nos revelam é que a grandeza e o significado da filosofia encontram-se na tentativa de edificar esse semblante humano para a ação, sem jamais perder de vista a base conceitual, dialógica e metafísica que o envolve.

Todavia, ao buscar os quadros da diferença e preenchê-los com a imagem do feminino na história, Beauvoir não poderia se inscrever no pensamento tradicional a partir de um discurso convencional. Os paradoxos e as lacunas lhe parecem por demais significativos para serem desconsiderados. Já que o perfil do feminino em nossa cultura sempre foi o de uma descompassada silhueta, forjada pelo desejo dos senhores da história como algo lacunar, incompleto... *diferente*, é preciso saber recuperar o que tais aporias significam para a estrutura paradoxal de uma cultura. Ora, este feminino é também algo que permite apontar a falta de unicidade do ser humano, sem se deixar aprisionar pelas definições e conceitos que têm estruturado a ontologia através dos tempos. Algo irreduzível a uma precisão conceitual e, por isso, bastante irreverente, inclusive com relação às fórmulas conceituais da própria filosofia. Ao apreender a profundidade do ser humano, o que Beauvoir destaca é a necessidade contínua de um pensar as próprias bases do pensamento filosófico, da perspectiva da *diferença*.

No traçado da memória, a dignidade da filosofia se mostra e a constituição do destino humano se realiza. Há de se voltar à pergunta, finalmente: para que filosofia? Ouso responder, numa formulação continuada de significados: para delinear o sentido do mundo, reconstruindo-o pelos “gestos de memória”, nas bases conceituais e de ação do existir de uma cultura.

Bibliografia

BEAUVOIR, Simone. **Balanço Final**. Tradução: Rita Braga. 3.ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1972.

BEAUVOIR, Simone de. **Para una moral de la ambegüedad**. Buenos Aires: Versão em espanhol por F.J. Solero. Buenos Aires: Editorial. Schapire, 1956.

BORNHEIM, Gerd. **Metafísica e Finitude**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BORNHEIM, Gerd. **Sartre**. Metafísica e Existencialismo. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BRANCO, Lúcia Castello. **A traição de Penélope**. São Paulo: Annablume, 1994.

CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.31-63.

DELEUZE, Gilles. **A dobra**: Leibniz e o barroco. Tradução: Luiz B. I. Orlandi. Campinas: Papirus, 1991.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Tradução: José P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

LIMA, Paulo Butti. **Platão**: uma poética para a filosofia. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PLATÃO. **A República**. Tradução: Carlos Alberto Nunes.3.ed. Pará: EDUFPA, 2000.

SANTOS, Magda Guadalupe. **Alter Mei**: a mulher enquanto (o) outro em Simone de Beauvoir: Dissertação de mestrado, curso de Pós Graduação em Filosofia. FAFICH-UFMG. Belo Horizonte, p.64/165.

SERGE, Andre. **O que quer uma mulher?** Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar,1987.

VAZ, H. C. de Lima. Cultura e Filosofia. **Síntese**. Nova Fase. Belo Horizonte, v.21,n.67, out-dez., 1994. p.479-493.